bro de 1996, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 30 out. 2017.

BRASIL. Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 30 out. 2017.

CANDAU, Maria Vera (Org.). Cultura(s) e educação: entre o crítico e pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna?. Cadernos de pesquisa, v. 29, n 1, jun., 2001.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa/ Paulo Freire São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17. ed. Rio de janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas,2002.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

JESUS, Lori. Hack de. Discutindo o Termo Raça. In: MULLER, Maria Lúcia Rodrigues (Org.). Trabalhando as diferenças em Mato Grosso. v. 2. Cuiabá: EdUFMT, 2006. p. 67-72.

MCLAREN, Peter. Multiculturalismo crítico. 2ª ed. São Paulo: Cortez,1999.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

MUNANGA, Kangebele. As facetas de um racismo silêncioso. In; SCHWARCZ, Lilia Moritz. & QUEIROS, Renato da Silva. (Orgs). Raça e diversidade. São Paulo: Edusp, 1996.p.220-221.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANSONE, Lívio. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do brasil. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.

SANTOS, Silvia Karla. O que é ser negro no Brasil? Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. Paraíba. 2012.

SHERIFF, Robin E. Como os senhores chamam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca Yvonne e REZENDE, Cláudia Barcellos (org.). (org.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 215-243.

SILVA, Ana Celia. A discriminação do negro no livro didático. Salvador: CED,1995.

SILVA, Jaqueline da Costa Reis; SILVA, Solange Deolinda; SANTOS, Luciana Eliza. A dura realidade do aluno negro na educação escolar brasileira. E-FACEQ, 2015. p. 1-8

TAYLOR, Charles. Multiculturalismo: examinado a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO CRIATIVO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA APARECIDA DE SOUZA BRITO

RESUMO

Este artigo tem como foco a influência da contação de histórias para o desenvolvimento criativo da criança na Educação Infantil. Com isso, tem como objetivo principal compreender o quanto a contação de histórias é importante para o desenvolvimento criativo das crianças na Educação Infantil, ressaltando que quando a prática é realizada com a criança nos primeiros anos de vida, ela será uma leitora ativa perante a sociedade, bem como poderá desenvolver o gosto pela leitura, que não é apenas um processo ensinado e obrigatório, mas um incentivo para a prática leitora através de formas prazerosas. Diante disso fica a pergunta que infere uma reflexão crítica: como a prática da contação de histórias ajuda a formar futuros leitores e desenvolver o gosto pela leitura, que não é apenas um processo pedagógico e obrigatório, mas um alerta para a leitura por meio da prática prazerosa, além de alcançar qualidade na aprendizagem da Educação Infantil? O presente trabalho está sendo realizado a partir de uma metodologia bibliográfica, traçada a partir da leitura e

reflexão de livros e artigos de autores que debatem sobre o referido tema. Dessa forma, conclui-se que a contação de histórias não é apenas uma ferramenta poderosa para a formação do leitor, mas também valida o desenvolvimento social e cultural das crianças ao longo da educação infantil.

Palavras-Chave: Contação de Histórias. Leitura. Oralidade. Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil, contar histórias é uma tarefa que estimula a imaginação e a realidade. Ao preparar uma história para contar, tomamos as experiências do narrador e dos personagens como nós mesmos, estendendo nossa experiência vivida através da narrativa do autor. As reflexões apresentadas convidam-nos, assim, a pensar uma educação mais humana e significativa baseada em vivências, aprendizagens e vivências estéticas associadas à expressão oral.

Vários autores afirmam que a contação de histórias é uma forma divertida e valiosa de auxiliar a prática do professor da Educação Infantil e dos educadores do Ensino Fundamental. Existem muitas formas de contar histórias, mas quando se trata de ambientes escolares, de crianças, de professores de contação de histórias, é importante ressaltar que contar histórias para crianças é, acima de tudo, uma atividade de suma importância.

Dessa forma, a importância desse tema se justifica pela contribuição lúdica na aprendizagem, através da palavra na contação de histórias que, além de oferecer momentos de prazer e interação entre quem conta e o ouvinte, seja entre pais e filhos em casa ou entre professores e alunos na escola, ao contar histórias para os alunos, envolve vários gêneros textuais como: fábulas, contos e lendas que se baseiam em repertório de mitos da sociedade e pode, através do olhar, da fala e do movimento, estimulando a imaginação, a autoestima e a comunicação das crianças.

Com isso, esse artigo tem como objetivo principal compreender o quanto a contação de histórias é importante para o desenvolvimento criativo das crianças na Educação Infantil, ressaltando que quando a prática é realizada com a criança nos primeiros anos de vida, ela será uma leitora ativa perante a sociedade, bem como poderá desenvolver o gosto pela leitura, que não é apenas um processo ensinado e obrigatório, mas um incentivo para a prática leitora através de formas prazerosas.

Objetiva também analisar a relação que a criança possui com as histórias; bem como descrever os processos de aprendizagem com a contação de histórias; também pretende expandir as informações sobre a prática pedagógica dos professores como intermediários do conhecimento para incluir as maneiras pelas quais eles podem usufruir da contação de histórias de forma significativa em sua prática docente.

Durante muito tempo, a prática de narrar histórias nas escolas era considerada como uma forma de distrair e acalmar as crianças sem dar a devida importância ao seu real benefício na aprendizagem e sua direta relação com a arte e a cultura da oralidade, por ser cativante, emocionalmente evocadora, sensível e imaginativa, para que a mente e o corpo hajam com sincronia.

Diante do exposto, surge o seguinte questionamento: como a prática da contação de histórias ajuda a formar futuros leitores e desenvolver o gosto pela leitura, que não é apenas um processo pedagógico e obrigatório, mas um alerta para a leitura por meio da prática prazerosa, além de alcançar qualidade na aprendizagem da Educação Infantil?

Para responder ao referido questionamento utilizou-se uma pesquisa aplicada, de metodologia bibliográfica de caráter descritiva, baseada na reflexão de leitura de livros, artigos, revistas e sites, bem como pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa.

Acredita-se que a narrativa desenvolve a criatividade e a capacidade imaginativa, a linguagem falada, promove o aprendizado, desenvolve a linguagem oral, escrita e visual, estimula o prazer da leitura, promove a motricidade global e fina, o pensamento crítico o brincar fictício, valores e conceitos, cooperação para a formação da criança e sua personalidade, além de proporcionar engajamento social, emocional e explorar a cultura e a diversidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Essa fundamentação teórica aborda primeiramente os benefícios da contação de histórias para as crianças. Em seguida, discorre sobre a importância da contação de histórias para a Educação Infantil. Aborda também a contação de histórias na prática docente. E, por fim, as Considerações Finais, onde retoma as questões e objetivos do trabalho, apresenta um resumo das principais contribuições da pesquisa e mostra as recomendações para novos estudos.

2.1 OS BENEFÍCIOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS

Por muito tempo, histórias reais ou de ficção eram retratadas através da oralidade. Na Idade Média, os contadores eram respeitados onde quer que fossem. Os trovadores adentravam nos palácios e aldeias contando

histórias que eram de gosto popular. Com o advento da escrita, veio também a história oral, seguida pela própria história e relatos de eventos que se pensava terem realmente acontecido, como a literatura, ou seja, descrições de eventos imaginados (ficção). Com isso o surgimento da literatura infantil se deu a partir das histórias populares, com a contação de histórias.

A prática da contação de histórias é muito antiga no mundo e existe muito antes da escrita, quando as pessoas contam oralmente para a comunidade sobre os acontecimentos, transmitindo ensinamentos, valores, costumes, mitos e crenças de geração em geração, também utilizam essa prática para entretenimento, lazer e divertimento.

Assim entendido, Schermack (2012) acrescenta que antes da escrita, o conhecimento humano era transmitido por meio da linguagem falada, e como a linguagem era insuficiente para expressar e encarnar a cultura de uma sociedade, as pessoas começaram a pensar em materiais tangíveis que pudessem organizar o conhecimento, a aquisição e a escrita.

Assim, no século XX, o ato de contar histórias deixou de se basear apenas em palavras faladas ou escritas (embora isso ainda seja muito importante em nossos dias, o ato de contar é o ato de criar através das palavras), as imagens tornaram-se parte integrante do componente da história.

Dessa forma, a oralidade materializou-se trazendo consigo a necessidade da leitura em um determinado suporte, decorrendo que as histórias foram narradas a partir de um texto escrito, causando impacto positivo entre os ouvintes, posto que a qualidade dos escritos era melhor elaborada e a multiplicidade dos textos tornou-se mais socializada (SCHERMACK, 2012, p. 01).

Ao contar uma história, os adultos permitem que as crianças iniciem o processo de construção de sua própria identidade social e cultural, além disso, contar uma história para uma criança contribui no desenvolvimento da linguagem, pois aumenta o leque de significados e hábitos da criança, sendo essencial fundamental na Educação Infantil.

No entanto, contar histórias não é o mesmo que ler um texto e deve ser lembrado, apreendido e compreendido. O leitor precisará apropriar-se da história com o objetivo de reconta-la com riqueza detalhadamente. Assim, o mesmo pode utilizarse de recursos diversificados, como: entonação, ritmo, cadência, timbres, pausas e prolongamentos, possibilitando também o uso de gestos, figurinos e cenários. Ao contar uma história, o interlocutor deve ter a intenção de enxerga-la e vivenciá-la conforme os elementos explorados.

Antunes (2001) aponta que é na infância que as atitudes mudam. Ouvindo histórias, as crianças se reconhecem como tais personagens, que lhes permitem resolver seus problemas, a partir de alguns cenários de vida com os quais conseguem se sentir familiarizados.

Compreensivelmente, uma criança precisa de mundos mágicos, sonhos e fantasias para que possa entender o mundo em que vive. O mundo do livro é um meio que permite que as crianças compreendam o que está acontecendo ao seu redor, e permite a construção do mundo verdadeiro.

Abramovich (2001) diz que a contação de histórias não é apenas um momento para divertir a criança, mas compreender que tem um papel importante no desenvolvimento da infantil, principalmente para incentivá-la quando ela está apenas começando a aprender a ser um leitor, uma forma de descoberta e uma grande contribuição para a cognição mundial.

Diante dessa perspectiva, contar ou ler histórias para crianças pode melhorar a imaginação infantil, tirar dúvidas, descobrir e criar novas ideias, estimular a inteligência e descobrir um mundo imenso de conflitos, dificuldades, impasses e soluções.

Contudo, ao ouvir uma história, a criança experimenta emoções como: raiva, tristeza, irritação, medo, alegria, insegurança, dor, insegurança, etc., e aprecia profundamente que a história mexa e evoque no ouvinte ou no leitor todos os significados e verdades que cada uma faça brotar ou não.

Por isso, Abramovich (2001) propõe que:

Para contar histórias – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção ... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte. (2001, p. 18).

Segundo Riter (2009), a contação de histórias é o passo inicial na formação do leitor. Ele diz que: "Era uma vez" estabelece uma nova visão, um universo novo, que eleva a imaginação, abre espaço para a fantasia, inspira a curiosidade revelada através de questionamentos a respeito do mundo "contado" e do mundo "verdadeiro, real", além de poder reler o mundo para solucionar problemas.

As crianças têm fascínio pelas histórias e como elas são contadas, e em uma interação de histórias mediada por um professor/contador de histórias, é possível entrar na história, entender e imaginar personagens, contextos, cenários, integrandose e confundindo-se a eles através do texto ouvido, etc.

Isso amplia nosso entendimento de que a contação de histórias deve estar presente no cotidiano escolar como fonte de preservação cultural, construindo valores sociais e morais, estimulando a criatividade, desenvolvendo a linguagem falada e enriquecendo o vocabulário falado e escrito.

Hoje, a contação de histórias também é vista como um ofício relacionado à prática docente, e a arte etc. estão cada vez mais ocupando diferentes espaços fora das bibliotecas e salas de aula, aparecendo em hospitais, empresas, festas infantis e até encontros em rodas de leitura.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Com as transformações nos últimos anos, o ensino da Educação Infantil passa a desempenhar uma função de cuidar e educar no âmbito da docência, visando contribuir para a formação de cidadãos adequados na sociedade atual. Como já mencionado, o cuidado está relacionado à higiene, atenção, carinho e alimentação, e contribui para o desenvolvimento infantil, ao passo que a educação se transforma em inteligência, por meio da compreensão de novas palavras, no contato com livros, exceto o primeiro a pisar para este universo, subindo os degraus da leitura e da escrita.

Segundo o RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998), é por meio das instituições de educação infantil que se proporciona um ambiente propício ao pleno desenvolvimento das crianças. Uma instituição de ensino não pode ser apenas um espaço assistencialista e sistematizado, mas um lugar que contribui para o crescimento integral infantil, desde suas capacidades intelectuais e motoras até a competência social.

As declarações descritas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) afirmam que as instituições precisam oportunizar as crianças a se apropriarem do saber, além de obter atualização e articulação de conhecimentos e o processo de aprendizagem de diferentes línguas, bem como ter acesso à saúde, proteção, liberdade, ao respeito, a confiança, a dignidade, ao brincar, conviver e interagir com outras crianças. Dentro dessa temática, na Educação Infantil está inserida a Contação de Histórias, que pode possibilitar às crianças novas concepções de conhecimento.

De acordo com esclarecimentos de Abramovich (2001), na Educação Infantil, ocorre a contação de histórias quando nasce o imaginário das crianças, onde suas histórias surgem e é instigado nas crianças o prazer por ouvir histórias, onde há o maior contato com a oralidade das histórias, e não somente quando se transformam em leitores.

Ao contar uma história, você estará envolvido na construção e formação da criança de várias maneiras. Uma delas é a contribuição no desenvolvimento do intelecto, onde poderá estimular a imaginação, criatividade e estimulará a criatividade. Diferentes cenários são criados e recriados na mente das crianças, personagens, mundos, oportunizando um novo final feliz para suas histórias.

Podemos acreditar que a contação de histórias é uma metodologia pedagógica onde auxilia o professor e os alunos de maneira significativa dentro da Educação Infantil, visto que escutar uma história fortalece o imaginário, ensina, contribui para o descobrimento do novo, incentiva o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade na qual ajuda a criança a ter uma boa socialização.

2.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA DOCENTE

A contação de histórias é uma estratégia de ensino que pode contribuir significativamente para a prática docente na primeira infância e na Educação Infantil. Ouvir histórias estimula a imaginação, educa, orienta, desenvolve habilidades cognitivas, simplifica a leitura e a escrita e é uma atividade interativa que aprimora a linguagem das crianças. A diversão da ludicidade através do brincar, da dança, dos jogos e da contação de histórias fomenta a responsabilidade e a autoexpressão no processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que as crianças se sintam estimuladas e desenvolvam a construção do seu conhecimento de mundo sem saber. Elas criam vários tipos de aprendizagens através do prazer, da maravilha e do divertimento na criação da narrativa.

A contação de histórias, segundo Bussato (2006, p.58, 59), pode ser um estímulo para a imaginação. Elas florescem no coração, circulam poeticamente, se espalham em todos os sentidos, devaneios, até chegarem à imaginação. Nesse contexto de produção de significativas imagens, o coração é um importante parceiro da imaginação. Com o coração, sentimos e vemos imagens dentro de nós que nos ajudam a sentirmos bem.

Ouvir histórias infantis é bom para os processos narrativos e de alfabetização: habilidades de metacognição, metalinguística consciente e desenvolvimento de comportamentos alfabéticos e meta-alfabetização, habilidades relacionadas a saber interpretar, descrever, nomear e usar verbos cognitivos (eu acho, penso, imagino, etc.), habilidades de descoberta de letras, relações entre fonemas e grafemas, estrutura de texto, conhecimento sintático e semântico e expansão de vocabulário.

"Ler histórias é uma fonte riquíssima de aprendizagem de novos vocábulos." (BRA-

SIL, 1998, P.145).

Na história, descobrimos a gramática do conto: personagens, a apresentação inicial da história, a continuidade e finalização de eventos/ações complexas; essa regularidade ajuda a criança a entender o texto e criar a história, assim ajudando as habilidades linguísticas a melhorar os níveis falado e escrito. O conhecimento da linguagem e das habilidades narrativas adquiridas pelas crianças na Educação Infantil é a base das etapas de alfabetização e do letramento.

A valorização das práticas orais é muito importante no processo de ensinoaprendizagem, se levarmos em conta o que Soares apud Bagno (2002, p.52) considera o conceito de letramento, para ele, consiste em quem não só sabe ler e escrever, mas cumpre as práticas sociais de leitura e escrita que rodeiam a sociedade, combinando-as com a prática social de interação oral. Nessa mesma perspectiva, Bagno (2002) acrescenta:

A consideração dessas práticas orais também é muito importante se quisermos ampliar o conceito de letramento, aplicando-o também à capacidade que os seres humanos sempre tiveram, nas distintas épocas e culturas, de transmitir conhecimentos, preservar a memória do grupo e estabelecer vínculos de coesão social por meio de práticas que independem do conhecimento de qualquer forma de escrita (BAGNO, 2002, p.55).

Os professores precisam incluir etapas dedicadas à leitura em seu planejamento curricular, desenvolvendo crianças que gostam de ler e escrever e uma geração de leitores e escritores que veem a literatura infantil como interativa e divertida. Dessa forma, fornecer essas oportunidades educacionais significa permitir que as crianças atinjam seu pleno potencial em sua língua nativa.

Não há dúvida de que ao invés de deixá-la em segundo plano como mera ferramenta de ensino, devemos utilizar o público escolar, ou melhor, a valorização da história pelas crianças, para estimular o aprendizado, mostrando que eles são cheios de conhecimento e devem respeitar e valorizar esse conhecimento, reconhecendo que faz parte da nossa cultura.

O ato de contar histórias é um traço humano que os professores podem utilizar para transformar histórias em recursos muito importantes para a formação do leitor.

Diante do exposto, é justo dizer que, nas últimas décadas, as escolas aprenderam muito pouco sobre o que a prática de ouvir e contar histórias significou para os humanos e nossa cultura.

A escola privilegia a escrita e avalia a capacidade do aluno para produzir uma narrativa escrita. Devemos nos perguntar porque a escola continua a ignorar as capacidades para desenvolver uma narrativa oral de alunos de um pais como o Brasil, cuja oralidade é ainda viva e fortemente dominante em certas regiões (PATRINI, 2005, p. 20).

Quando a autora diz que a língua falada ainda existe em algumas partes do Brasil, ela está se referindo ao norte e nordeste do país e a quase todas as áreas rurais onde as crianças ainda podem se envolver com os contadores de histórias tradicionais até hoje. Seus familiares têm uma riqueza de histórias recebidas de outras gerações, o que é uma fonte muito rica de conhecimento. Podemos dizer, então, que a presença dos contadores de histórias possibilita outros repertórios conhecidos pelas crianças e professores nas escolas. Além disso, essa presença reconhece e valoriza a linguagem falada.

O fracasso acadêmico refere-se ao desenvolvimento do interesse pela leitura e à formação de leitores, o que afeta a forma como os professores lidam com a relação entre livros e alunos. A literatura não é estimulada o suficiente, e a contação de histórias é uma alternativa para proporcionar aos alunos uma experiência de leitura positiva, em vez da tarefa rotineira da escola de transformar a leitura e a literatura em simples ferramentas de teste que privam os alunos do prazer de ler.

Assim, usar a contação de histórias com método em sala de aula, propicia o ganho de todos, sejam alunos que estimulam a imaginação e a criatividade, ou professores que dão aulas mais prazerosas e produtivas e atingem metas significativas na aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta demonstrou o valor da contação de histórias como fonte inesgotável de alegria, conhecimento e emoção, onde a diversão e a alegria são os eixos norteadores que inspiram a leitura e desenvolvem os alunos leitores.

As pesquisas teóricas realizadas neste trabalho trouxeram informações pertinentes para a prática pedagógica da contação de histórias na Educação Infantil, destacando-se as aprendizagens múltiplas; a socialização; os desenvolvimentos físico, psicológico, oral, artístico e emocional; assim como formação pessoal e social, em que há respeito à infância e à formação integral do sujeito.

Ressalta-se o papel do professor mediador em estimular seu aluno a descobrir, a conhecer e a se situar no meio em que vive por meio da experiência, do conhecimento e das habilidades gerais, entretanto, a prática pedagógica sozinha não consegue abarcar todo este processo, deve haver consonância entre qualificação profissional, condições favoráveis de trabalho e políticas públicas de